

# *Parte Um*

*Deus nos deu a memória  
para que possamos ter  
rosas em dezembro*

— JAMES BARRIE



## Um

LEMBRETES. MEG NÃO PRECISAVA DE MAIS LEMBRETES, MAS FOI O QUE GANHOU quando seu pai a recebeu em seu novo apartamento no Horizon Center para a Quarta-Feira da Terceira Idade. Ele mostrou uma sacola de plástico.

— O que tem aí?

— Cadernos, da escrivadinha de sua mãe — respondeu ele. — Pegue a sacola agora, antes que eu me esqueça.

Ultimamente, ele fazia mais e mais daquilo: esquecer. *Perda de memória idiopática* a curto prazo, foi o nome que o médico deu à doença de seu pai, que, no momento, era mais um motivo de irritação do que um problema. *Idiopática* significava que não havia qualquer explicação específica. *Idiopático* era um termo adequado para Spencer Powell, um homem que vivera inteiramente segundo seus caprichos.

Meg pegou a sacola e colocou-a ao lado de sua bolsa sobre a mesa de jantar. Esta deveria ser uma visita breve, após suas 12 horas de trabalho. Rondas no hospital às sete da manhã, dois partos matutinos, um bombom de almoço, e depois quatro horas de sucessivas pacientes na clínica — mulheres angustiadas com episiotomias, dores por causa da cesariana, estrias, infinitos soluços fetais, menstruações fortes, falta de desejo sexual, medo do parto. E ainda faltavam quatro horas até que houvesse a possibilidade de deitar na cama para umas cinco horas de sono. Uma rotina exaustiva às vezes, mas ela amava seu trabalho. Ou, ao menos, amava o ideal de seu trabalho.

— Então, como foi hoje? — perguntou ela, tirando a presilha dos cabelos cortados na altura do ombro e sacudindo-os. — Está se adaptando bem?

— Lugar animado — disse ele, levando a filha para a sala de estar. Ele se sentou em sua poltrona reclinável; por que parecia que os velhos sempre tinham uma dessas, puída e rangendo, da qual nunca se separavam? — Dois sujeitos da ala C inventaram um sistema ótimo para ganhar com os cachorros.

Corrida de galgos, ele queria dizer.

— É mesmo? — perguntou ela, examinando o pai. Ele parecia vivaz como sempre, e seus olhos recobravam o sorriso que ela nunca tinha visto desvanecer até o último outono. Seus cabelos, outrora do mais brilhante cobre, tornaram-se completamente prateados, dando-lhe de certo modo uma aparência mais distinta, já que a prata vale mais que o cobre. Distinto, mas não menos excêntrico que antes; um homem cujas idéias sempre estiveram um passo à frente do bom senso. A diabetes estava controlada, mas, desde que a mãe de Meg morrera subitamente sete meses antes, ela se sentia compelida a vigiá-lo de perto. Ela procurava sinais de saúde em declínio, sinais de alarme da diabetes: tornozelos inchados, excessiva retenção de líquido no rosto, comportamentos estranhos. Contudo, *todos* os comportamentos de seu pai eram estranhos, e, portanto, esta parte era complicada.

A outra coisa difícil era a forma como ele vivia confrontando Meg com partes aleatórias da vida da mãe. Uma chaleira de cromo amassada. Descansos de copo azuis, rijos e desbotados, do velho jogo americano. Sais de banho com essência de rosas, num recipiente redondo de papelão com um pompom dentro. Na semana anterior, uma sacola de papel com pinhões decorados com cera e purpurina. Lembranças de uma vida para sempre alterada pelo súbito ataque cardíaco de Anna Powell, como um motor de carro após funcionar sem óleo por muito tempo.

— Pois é, esses sujeitos disseram que ganham mais do que perdem, então o que tem de errado? Ei... meu rim esquerdo está dando alteração outra vez. Uma dor constante, meio vaga, em geral. O que acha que pode ser?

— Ligue para o dr. Aimes — respondeu ela, como sempre fazia quando ele mencionava qualquer coisa sobre os rins. — Amanhã. Não espere.

Ele parecia bem; porém, ela também pensara o mesmo de sua mãe. Que grande médica era... Deveria ter visto os sinais de hipertensão descontrolada, ter percebido que um tremendo ataque cardíaco estava por vir. Nunca deveria ter acreditado na palavra de sua mãe, que dizia que estava ótima com o medicamento para pressão, nada para se preocupar.

O pai franziu a testa, contrariado, como sempre fazia quando ela não dava um diagnóstico. — Você é médica mesmo?

— Se você entrar em trabalho de parto, ficarei feliz em ajudar. Caso contrário, procure o dr. Aimes. — Ela aconselharia a mesma coisa quando telefonasse no dia seguinte.

O apartamento do pai era modesto — um quarto, um banheiro, uma só sala que funcionava às vezes de sala de estar e às vezes de jantar, e uma cozinha —, mas confortável, na maior parte mobiliado com coisas novas. Spencer vendera sua empresa, Haras e Estrebaria Powell, junto com a casa e todas as terras, para se mudar para cá. Meg não conhecia os detalhes financeiros porque ele insistiu em administrar esta parte pessoalmente. Mas ele assegurava à filha que podia arcar com uma leve “modernização”, como dizia.

Meg olhou ao redor, aliviada por não ver muito de sua mãe ali. As lembranças eram como hélices em movimento: perigosas a curta distância. Contudo, a cadeira de balanço vazia de sua mãe, colocada junto à poltrona reclinável, exigiria um pouco de tempo. Se seu pai ao menos parasse de regurgitar coisas da fazenda — ou de mandá-las às outras filhas, todas sabiamente morando fora do estado —, ela talvez conseguisse se adaptar à nova ordem. Seria essa a estratégia dele? Será que ele estava dando as coisas para que não tivesse que rever sua perda sempre que abrisse um armário ou uma gaveta? O pai certamente não era muito propenso a enfrentar o passado. O passado era onde viviam todos os seus fracassos.

Bem, isto os dois tinham em comum.

Ele puxou a alavanca da poltrona reclinável e se espreguiçou. — Pois é, estou indo bem. Por que não traz Savannah no domingo? Vamos jantar na cantina deste magnífico estabelecimento. Eles acabaram de instalar uma máquina de sorvete automática, sabe do que estou falando? Serve calda também. Você precisa ver aquela cambada de velhos se acotovelando para chegar lá primeiro! Se eu soubesse que esse lugar era tão divertido, teria trazido sua mãe para cá. Esse lugar seria a cara dela, não acha? Está cheio de velhotas com quem tagarelar.

— Claro, ela teria adorado — respondeu Meg.

A fazenda sobrecarregara sua mãe sem descanso, mesmo depois que Brian e o pai — oficialmente a Financeira Hamilton — perdoaram a dívida dos pais de Meg, como prometido. Nos anos posteriores, Meg gostava de levar sua mãe para almoçar, para uma folga e um banquete; ela oferecia seu dinheiro extra (como também oferecia secretamente às irmãs), mas a resposta era sempre: “Oh, por Deus, não, Meggie. Você já fez muito por nós. Além do mais, sabe como seu pai é.”

Ela sabia. Embora amaldiçoado com um pé-frio nos lucros, Spencer era orgulhoso demais para deixar que a filha colocasse dinheiro nas mãos dos pais.

Porém, não tinha sido orgulhoso demais para permitir — para *encorajar* — que ela aceitasse o pedido de casamento de Brian. Aquilo tinha sido diferente; nenhum dinheiro trocou de mãos; Meg não teve que sacrificar nada; Carson não contava. Afinal, foi escolha dela, era o que o pai sempre dizia.

— Ei, por que não traz nossa garotinha aqui para jantar no domingo? — perguntou ele, como se a idéia acabasse de lhe ocorrer.

De pé junto à poltrona do pai, ela não deixou de notar que o convite não incluía Brian. Intencionalmente?

— Vou trazer, sim — disse Meg. — Mas agora eu tenho que ir.

— Muito bem, certo, pode ir, senhorita Agenda Lotada. Eu sei, você tem coisas para fazer. Mas você deveria aproveitar a vida um pouco mais. Agora que pode. Não acha? Eu estou bem aqui, tudo está ajeitado. Não sei por que você não segue em frente com a sua vida.

Agora que ela pode? Do que ele estava falando?

Ele continuou:

— Você não está feliz. Sei disso há muito tempo. Vá em frente, Meggie, enquanto ainda é jovem.

Intrigada, ela o examinou — nem tudo que ele falava fazia sentido, mas ele detestava que lhe apontassem isto — e o beijou sem prolongar o assunto.

— Eu estou bem, pai. Só tive um dia longo.